

A CULTURA DO ENCONTRO COMO RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

THE CULTURE OF THE ENCOUNTER AS A RESPONSE TO THE
GLOBALIZATION OF INDIFFERENCE

LA CULTURA DEL ENCUENTRO COMO UNA RESPUESTA A LA
GLOBALIZACIÓN DE LA INDIFERENCIA

Valdecir Bressani

Mestrando - PPGCOM – UFPR

vbressani@yahoo.com.br

RESUMO

O Dia Mundial das Comunicações Sociais, a ser celebrado em 2014 pela Igreja Católica tem como tema “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”. Uma “cultura do encontro” vem sendo defendida pelo Papa Francisco como contraposto à “cultura da exclusão”, do “descartável”, e da “globalização da indiferença”. Na formação da cultura contemporânea, qual o papel da comunicação? E, a partir do exemplo do papa, quais são as dinâmicas e as lógicas comunicacionais que colaboram com a construção dessa cultura? Com base em autores como Raymond Williams, Pierre Lévy, Canclini, como pensar um novo modelo comunicacional que permita a construção de um novo modo de compreender a realidade?

Palavras-chave: Comunicação. Globalização. Indiferença. Cultura do encontro.

ABSTRACT

The World Communications Day to be celebrated in 2014 by the Catholic Church has as its theme "Communication at the service of an authentic culture of the encounter". A "culture of encounter" has been advocated by Pope Francis as opposed to the "culture of the exclusion", the "disposable", and the "globalization of indifference". What is the role of communication in the formation of the contemporary culture? And from the Pope's example, what are the dynamics and the communicational logics that collaborate with the construction of this culture? Based on authors such as Raymond Williams, Pierre Lévy, Canclini, how is it possible to think of a new communicational model that allows the construction of a new way of understanding the reality?

Key words: Communication. Globalization. Indifference. Culture of the encounter.

A CULTURA DO ENCONTRO COMO RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

RESUMEN

La Jornada Mundial de las Comunicaciones Sociales, que se celebrará el año 2014 por la Iglesia Católica, tiene como tema: "La comunicación al servicio de una auténtica cultura del encuentro". Una "cultura de encuentro" está siendo defendida por el Papa Francisco en contraposición a la "cultura de la exclusión", del "desechables", y de la "globalización de la indiferencia". En la formación de la cultura contemporánea, ¿cuál es el papel de la comunicación? Y, a partir del ejemplo del Papa, ¿cuáles son las dinámicas y las lógicas comunicacionales que colaboran con la construcción de esta cultura? A partir de autores como Raymond Williams, Pierre Levy, Canclini, ¿cómo pensar un nuevo modelo comunicacional que permita la construcción de una nueva manera de comprender la realidad?

Palabras-clave: Comunicación, Globalización, Indiferencia, Cultura del encuentro.

INTRODUÇÃO

Desde que foi eleito no dia 13 de março de 2013, o Arcebispo de Buenos Aires, Argentina, Cardeal Jorge Mario Bergoglio, que escolheu o nome de Francisco, tem sido um exemplo da íntima ligação entre palavra e gesto, discurso e ação, anúncio e testemunho, reflexão e prática. Francisco iniciou uma nova fase na história da Igreja, revolucionando a comunicação dentro e fora dela.

As mudanças que as novas tecnologias da comunicação estão provocando no ser humano e em seu modo de relacionar-se também fundamentam um novo modelo de comunicação. O pensamento de Francisco a respeito da comunicação e de seu papel na sociedade encontra-se expresso em sua primeira mensagem ao Dia Mundial das Comunicações Sociais, a ser celebrado no dia 01 de junho de 2014: "Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro". O tema foi anunciado em 30 de setembro de 2013 e a tradicional carta tratando do tema foi publicada pelo papa no dia 24 de janeiro de 2014. Uma abordagem que pretende ser contraposição à ideia de "cultura da exclusão", do "descartável"; uma resposta ao que o Papa chama de "globalização da indiferença".

Durante a Jornada Mundial da Juventude, no dia 27 de julho, Francisco afirmou ser indispensável o encontro e o acolhimento de todos, bem como a solidariedade e a fraternidade são elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana. Convocou a todos para serem servidores da comunhão e da cultura do encontro. O Papa Francisco tem caracterizado seu ministério pelo diálogo com todos, acompanhado de seus

sorrisos, abraços, telefonemas, cartas, entrevistas. Isto desafia o mundo todo a pensar um modelo de comunicação que esteja a serviço de uma autêntica cultura do encontro. Em visita à Ilha de Lampedusa, na Itália, em 08 de Julho de 2013, o Papa Francisco declarou-se contrário ao que ele chamou de “globalização da indiferença”. Para ele, “os mass-medias podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna” (FRANCISCO, 2014).

Tendo em vista a relação entre cultura e comunicação, este artigo, a partir de vários autores da comunicação e dos estudos Culturais, aborda alguns elementos importantes que desafiam a Igreja Católica e a sociedade atual na construção de um novo modelo comunicacional. Outro objetivo é discutir um dos desafios atuais da Igreja e da sociedade contemporânea que é compreender a comunicação como um dos elementos de grande influência na formação da cultura como complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de uma sociedade, de um grupo específico. Na formação da cultura contemporânea, qual o papel da comunicação? E, a partir do exemplo do papa, quais são as dinâmicas e as lógicas comunicacionais que colaboram com a construção dessa cultura?

Este trabalho resulta de uma pesquisa ainda maior, que busca aprofundar a relação da Igreja Católica com os meios de Comunicação, e os desafios atuais num mundo cada vez mais midiático, e ao mesmo tempo compreender qual o papel da comunicação na Missão da Igreja. Estrutura-se por uma metodologia que tem por base um estudo bibliográfico do pensamento do Papa Francisco e de autores como Raymond Williams, Pierre Lévy, Canclini, Britto e outros. A partir destes autores e dos pronunciamentos do Papa Francisco, amplia-se a discussão a cerca da construção de um novo modo de compreender a comunicação na sua relação com a cultura, favorecendo a cultura do encontro como propõe o Papa Francisco.

A CULTURA DO ENCONTRO COMO DESAFIO.

Ao visitar a Ilha de Lampedusa na Itália, em 08 de Julho de 2013, o Papa Francisco declarou que:

a cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!"¹

Segundo Francisco, Lampedusa, como porta de entrada da África para a Europa, com seus muitos emigrantes mortos no mar, onde os muitos barcos naufragados ao contrário de serem expressão de uma rota de esperança, formam uma rota de morte. Sua presença nesta Ilha foi justamente para expressar sua solidariedade, mas também para despertar as muitas consciências, lideranças, organismos nacionais e internacionais para uma realidade que expressa a indiferença do mundo pós-moderno e porque não a indiferença dos grandes modelos comunicacionais que também colaboram para a construção de um modelo cultural da indiferença e da exclusão. Francisco foi enfático ao questionar a cultura da indiferença, o que em outros momentos também chamou de globalização da indiferença:

Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano: ao vermos o irmão quase morto na beira da estrada, talvez pensemos "coitado" e prosseguimos o nosso caminho, não é dever nosso; e isto basta para nos tranquilizarmos, para sentirmos a consciência em ordem [...] Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que vinham no barco? Pelas mães jovens que traziam os seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para sustentar as próprias famílias? Somos uma sociedade que esqueceu a

¹ <http://paulosuess.blogspot.com.br/2013/07/papa-francisco-em-lampedusa.html>

experiência de chorar, de "padecer com": a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!²

Ao se tratar de ‘cultura da exclusão’, do ‘descartável’, da ‘globalização da indiferença’, um aspecto importante são os ‘destempos’, ou seja, as contradições presentes numa sociedade que evolui, mas que ao mesmo tempo apresenta processos de lentidões sociais, separados por metros de distância. É possível perceber que numa mesma sociedade verifique-se ao mesmo tempo a velocidade do avião e a lentidão do trânsito; na sociedade da velocidade, da vertigem, a esmagadora maioria da população vive em ‘outros tempos’, em outras lentidões, em outra cadência.

Na configuração social contemporânea existem muitas tensões que estão presentes numa dinâmica constante de mudança. Tais mudanças atuam em todas as dimensões da realidade e geram novas formas de sociabilidade, novos nexos de pertencimento, novas relações e articulações sociais. São mudanças estruturais e conjunturais, objetivas e subjetivas. Todavia, as contradições entre cultura vivida e compartilhada no cotidiano e a cultura global, que nos chega especialmente por meio das mídias tradicionais, formatada e hegemônica, estabelecem constantes tensões, acompanhadas de estranhamento, descompasso, desconforto e questionamento de identidade.

No entendimento destas polarizações, elas parecem ser uma referência clara de que estamos numa fase de definição, de transição, de mudanças; estamos exatamente no centro de uma crise de modelo de civilização, de paradigmas, de referências. Contudo, se de um lado temos uma tensão elevada entre contradições e conflitos importantes que precisarão de desfecho, de outro cresce sempre mais a consciência de que é um momento de transição, de mudanças, de instabilidade.

A sociedade contemporânea exige de seus participantes mais flexibilidade, abertura, mobilidade. Isso, “pela pluralidade de ofertas de concepções, de modos de vida, de participações e pertencimentos, sem falar das exclusões, das portas fechadas, das obstruções também” (BRITTO, 2009, p. 31). Não obstante a isso, “é possível a emergência

² <http://paulosuess.blogspot.com.br/2013/07/papa-francisco-em-lampedusa.html>

A CULTURA DO ENCONTRO COMO RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

de uma identidade de abertura para a diferença, para a alteridade, com complexidade, mas que, no entanto, não represente algo sem lastro, sem raízes ou sem referência permanentes” (BRITTO, 2009, p. 31).

O sujeito moderno, segundo Hall, de identidade centrada, definida, estruturante de seu comportamento social e cultural, também se confrontava com inúmeras alternativas, fazendo com que sua identidade passasse por alterações, embora lentas “seguras” e processuais (BRITTO, 2009, p. 30). Um sujeito descentrado, sem identidade fixa, cuja mobilidade indentitária, está obrigado a certos deslocamentos em vista das necessidades e contextos em que se encontra inserido.

A comunidade, constituída em torno de espaços geográficos, foi sempre a referência decisiva e constitutiva da vida social, oferecendo um espaço de segurança, de identidade e de desenvolvimento, tanto de pessoas, como de grupos e classes, com suas lógicas de pertencimento, concepções de mundo e referências morais. Com isso, “vivemos um período de grande carência de amplas parcelas da sociedade. Carências de laços sociais, carência de laços afetivos, carência de espaços de vivência e de lazer” (BRITTO, 2009, p. 35). Com o surgimento do capitalismo moderno, com a formação das grandes cidades e de uma cultura urbana, passamos a ter comunidades bruscamente alteradas e as pessoas passaram a viver numa realidade distinta. Surgiram novas comunidades, novas noções de pertencimento, influenciadas pelos condicionantes da cidade, por suas lógicas e regras. Basta olhar a vida urbana nos bairros, o surgimento das diversas tribos com contatos de estudo, trabalho, gostos musicais e esportivos e a mobilidade na qual a sociedade contemporânea está inserida. Neste contexto, “comunidades, tribos e outras formas de constituição de laços de sociabilidade resistem a um desígnio forte da sociedade atual que o do individualismo, do isolamento social, da rotina programada e disciplinada, do tempo ‘ocupado’” (BRITTO, 2009, p. 35).

Primeiro a sociedade conheceu o pensamento moderno, caracterizado pela necessidade de projeto, de um sentido de desenvolvimento, tanto no âmbito de indivíduos, quanto de grupos, classes, nações, civilização. Era necessário que se tivesse um planejamento; ter um projeto constituía-se em algo essencial. Depois veio o pensamento pós-moderno a questionar com força essa premissa, afirmando que os projetos não

passavam de discursos ideológicos, e ao mesmo tempo passou a fazer apologia ao aqui e agora, pregando que a realidade demonstra que a maioria das pessoas está aderindo ao imediato, a uma visão hedonista. Por isso, na atualidade,

se amplas parcelas já não possuem projeto, não é por opção filosófica ou por descrédito na Modernidade propriamente. A ausência de projeto é um ponto de chegada de uma longa viagem de frustrações e inseguranças que permeiam a vida das pessoas. Elas, apesar de aspirarem à estabilidade para um caminho a seguir, são confrontadas com uma realidade social excludente, instável e em crise permanente. É dentro desse contexto que se conformam ou ao menos se resignam em lutar apenas pelo imediato, pelo instantâneo, já que o futuro é deveras incerto (BRITTO, 2009, p. 36).

As ciências sociais na atualidade estão cheias de conceitos como ideologia, identidade, nação, globalização, entre outros. Na sua utilização é preciso ter presente o sentido que ele adquire naquele momento histórico. Também é importante levar em conta o corpo teórico em que está inserido este determinado conceito. Um elemento importante na abordagem da comunicação é a comunidade – os vários tipos de desigualdade que ainda se apresentam nas comunidades em que vivemos, tornam sempre mais difícil ou até mesmo impossível uma comunicação que seja sempre mais eficaz.

Um aspecto importante para Williams é a questão de uma cultura comum. Ou seja, “uma cultura comum não é, em nenhum nível, uma cultura igual. Mas pressupõe, sempre, a igualdade do ser, sem a qual a experiência comum não pode ser valorizada” (BRITTO, 2009, p. 52). Isto não significa pensar esta cultura conforme a pensam os meios de comunicação de massa, que também é uma cultura comum. Aqui a concepção é de uma cultura que “está embasada num processo de construção coletivo e solidário, de esforço mútuo, garantido pelo princípio fundamental de igualdade” (BRITTO, 2009, p. 52). A este modo de pensar a cultura, o Papa Francisco chama de cultura do encontro, que leva em conta a diversidade e a pluralidade.

Não obstante a tudo isso, para Stuart Hall, existe um processo de mudança que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas, o acaba por abalar todos os quadros de referência até então aceitos no mundo social, onde se

A CULTURA DO ENCONTRO COMO RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

verificam as maiores transformações tanto no modo de ser, agir e pensar as questões sociais.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, apud BRITTO 2009, p. 68).

A cultura do encontro tem também respaldo naquilo que Hall chama de concepções de identidade. Segundo ele, primeiro tínhamos o sujeito iluminista, que era centrado, racional, consciente e o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Depois a sociedade viu nascer outro tipo de sujeito que ele chama de sociológico, em que sua identidade era construída a partir da interação do eu e da sociedade. Por fim, diz Hall, temos o sujeito pós-moderno. Este sujeito, além de não ter uma identidade fixa, é uma celebração móvel, com identidades contraditórias e continuamente descoladas (BRITTO, 2009, p 68).

Para compreender o desafio na formação de uma nova cultura, cuja contribuição da comunicação tem por meta a cultura do encontro em substituição ao que podemos chamar de cultura dos desencontros, das desigualdades. A cultura da indiferença, a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades. (HALL apud BRITTO, 2009, p. 73). O Papa Francisco entende que “a cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os mass-media podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes” (FRANCISCO, 2014).

Outro conceito importante neste momento é o que Canclini (2003), ao tratar das culturas híbridas e da globalização imaginada, chama de hibridação. Ele opta pelo conceito

de hibridação, tomado da biologia, e defende de que este não esconde as contradições, conflitos, linhas de poder. Opta por hibridação ao invés de mestiçagem (misturas biológicas) ou sincretismo (religioso) por dar uma amplitude na abordagem cultural. A globalização imaginada apresenta números delirantes desse processo de globalização, que gera dependência econômica e cultural em relação aos centros globalizadores (BRITTO, 2009, p. 76).

A Indústria Cultural, concebida a partir da escola de Frankfurt, é um aspecto elemento importante para entendermos o desafio de um novo modelo comunicacional que permita um novo modo de olhar as sociedades, a realidade e os seus indivíduos. A Indústria Cultural não passava de instrumento para moldar os imaginários, uma vez que estavam a serviço de interesses econômicos. Uma nova cultura, denominada de cultura do encontro pelo Papa Francisco (2014), tem por finalidade questionar as fortes influências de uma cultura hegemônica nos meios de comunicação ainda hoje, onde “cerca de dez megaempresas da Indústria Cultural dominam o mercado no mundo, em associação com cerca de quarenta empresas nacionais ou regionais”. (LIMA, 2003 apud BRITTO, 2009, p. 83). Segundo o autor, o desafio não está em estabelecer uma defesa da identidade diante da globalização, mas como instituir sujeitos em estruturas sociais ampliadas como as que estamos vivendo. Ele reconhece que existem globalizações imaginadas de maneira diversa pelo empresário, pelos cidadãos e por algum indocumentado em nosso vasto continente.

Qual cultura e a partir de qual comunicação? Na perspectiva de Raymond Williams (2000), Britto lembra que, “cultura é um conceito em evolução, em processo, e não algo que percorre todo e qualquer período histórico tendo o mesmo sentido e o mesmo valor” (BRITTO, 2009, p.97) e ao mesmo tempo traz consigo uma diversidade de valores, costumes, crenças que estão presentes num determinado grupo, nação ou sociedade. Todavia, para Canclini “a cultura designava os processos de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2003 apud BRITTO, 2009, p. 98). Neste sentido, Britto aproxima-se mais de Williams por entender que “a relação de cultura é a de identidade/diferença, ou seja, o que nos auxilia no recorte de um grupo, classe ou nação na sua identidade e na sua diferença diante da alteridade cultural” (BRITTO, 2009, p. 99). Neste sentido, cultura, poderia ser – cultura como o complexo de valores, costumes,

A CULTURA DO ENCONTRO COMO RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico, classe ou nação, incluindo os usos que se fazem das técnicas, nas suas relações consigo e com a alteridade. Este conceito de cultura fundamenta a cultura do encontro.

Constata-se como a mídia, a serviço dos grandes interesses econômicos e hegemônicos, cria a ilusão de um laço social entre pessoas com vivências e com culturas bastante diferentes no seio da sociedade conflitiva. A isto se chama de ficção da igualdade, ou seja, pessoas com cotidianos diferentes que diante da televisão ou no computador vivem a mesma emoção. A mídia tenta torná-los iguais, infundindo sentimentos, de pessoas que no dia a dia vivem numa estrutura social marcada por desigualdades que são gritantes. Uma cultura do encontro, do contrário, reconhece as diferenças, não é homogeneizante. Aqui parece estar um dos grandes desafios para que aconteça uma mudança significativa na gestação de um novo modelo comunicacional. Se por um lado “o real vivido é marcado pela heterogeneidade das formas de vida, de trabalho, de satisfação, de identidade objetiva e simbólica, de formas e conteúdos de sua ambiência [...] o real midiático é homogeneizador, padronizador, unificador de formas e conteúdos” (BRITTO, 2009, p. 112). Aqui o midiático é entendido mais a partir das mídias tradicionais, também chamadas de meios de comunicação de massa, embora a televisão hoje seja um tanto segmentada.

Enquanto que no real vivido a desigualdade como elemento resultante do atual sistema social constrói um mosaico de realidades sociais dispares e conflitantes, gerando ilhas de riqueza num amplo horizonte de pobreza, no real midiático prevalece a ficção da igualdade, além de trabalhar a ideia de sucesso e fracasso no âmbito pessoal, individualizando os problemas.

Quanto aos meios de comunicação de massa, duas correntes são importantes serem analisadas – o funcionalismo norte-americano e a teoria crítica. Com o Funcionalismo, diante da configuração histórica da sociedade na década de 1920, surgiram os primeiros estudos com a finalidade de garantir a eficácia da comunicação em relação aos objetivos de seus promotores. A comunicação de massa teria o papel de garantir o equilíbrio social e garantir sua reprodução uma vez que a sociedade é compreendida como um organismo vivo. O papel do “receptor” é subestimado em relação ao emissor e aparece

sempre como o que precisa ser atingido. As pesquisas desenvolvidas davam mais conta de explicar o processo de comunicação e não procuravam entender qual era de fato o papel efetivo da comunicação dentro da sociedade. Com a Teoria Crítica, representada pela Escola de Frankfurt, Alemanha, 1923, o marxismo passou a ser o principal referencial teórico para entendimento da sociedade capitalista. Aqui os pressupostos são opostos ao funcionalismo; procuram mostrar como os meios de comunicação são utilizados para a dominação da população, especialmente os trabalhadores. A Indústria Cultural seria um modo de produção capitalista, sendo os produtos transformados em mercadoria, tornando a dominação efetiva através dos meios de comunicação de massa. No Brasil este pensamento sofreu hibridização na convivência com a crítica que a Igreja Católica fazia aos meios de comunicação, ampliando sua força.

Os estudos Culturais posteriores romperam com esta polarização. A sociedade não mais passa a ser vista como harmônica, mas conflitiva e por isso tem suas possibilidades de transformação. Outro aspecto é o que reconhece o campo da cultura e da comunicação como uma arena para a luta social e política na sociedade contemporânea. Ganham destaque as mediações sociais. Elas são um elemento decisivo na realização do processo comunicacional em cada sociedade. A concepção de um receptor ativo supera tanto o funcionalismo (conquistar), quanto a teoria Crítica (manipulado), que viam o público como sujeito.

Ao relacionar a cultura com a comunicação, Joana Puntel (2008) fala da comunicação como cultura, no sentido de que “com as novas tecnologias da comunicação instaura-se uma ‘nova cultura’ compreendida como ‘um modo de ser e um estilo de vida’, uma nova ambiência” (PUNTEL, 2008, p. 111). Estamos vivendo uma cultura da comunicação. Isto permite conceber a cultura do encontro como desdobramento de um novo modelo de comunicação que esteja a serviço das minorias, respeitando as diferenças, promovendo a diversidade e tornando os indivíduos muito mais conscientes, comprometidos e solidários entre si.

Outro elemento importante está no que Pierre Lévy (1999), ao tratar da cibercultura como dominante, entende que o ciberespaço é um elemento decisivo de unificação da humanidade. Decisivo porque o ideal de unificação vem desde o período das

navegações. O ciberespaço permite que milhões de cérebros estejam em contato, constituindo o que Lévy (1999) chama de “hipercortex”, ou seja, um grande cérebro, capaz de arquivar toda a produção e memória humana. Para ele a conexão planetária acontece pelo desenvolvimento dos transportes (velocidade e conforto) e pelo desenvolvimento do ciberespaço, que permite que toda a produção simbólica esteja disponível e acessível na internet. Lévy (1999) fala de império das redes onde o ciberespaço passa a ser o centro vital de toda uma transformação antropológica. Para ele o ciberespaço é concebido como a conexão de todos, como a comunhão de toda a subjetividade existente. O ciberespaço é um grande mar de subjetividade, no qual desaguam todas as criações humanas por meio do computador (BRITTO, 2009, p 139-143). Com isso, como lembra Francisco, o “ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos. O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós” (FRANCISCO, 2014).

Em sintonia com a ideia da Indústria Cultural da Escola de Frankfurt, Lévy (1999) trabalha um conceito de consciência pré-fabricada. Sua proposta é da comunicação que acontece no ciberespaço, o que não deixa de apresentar certa absolutização do ciberespaço em detrimento do papel da sociedade contemporânea. Isto fica claro quando Lévy (1999) entende o ciberespaço como “reunificação da humanidade”, transpondo as barreiras geográficas, históricas, culturais e de classe. Ele deixa a entender que existe um movimento determinado, independente dos homens, dos conflitos sociais, das opções de soluções históricas que estão para se realizar (BRITTO, 2009, p. 146). A grande crítica feita a este pensamento é que ele não permite conceber os conflitos sociais como impulsionadores e decisivos das soluções e perspectivas dos processos em curso.

Por outro lado, entende que a cibercultura tem um papel muito importante na reconfiguração cultural em curso no planeta e procura identificar os traços fundamentais desta, uma vez que esta estaria formatando a cultura geral. Para Lévy a cibercultura está formatando a cultura contemporânea com uma revolução de valores e de visão de mundo que se pode comparar ao vivido quando do surgimento da escrita. Caracteriza isso como uma “mutação antropológica” que está em curso. Para ele, a essência da cibercultura é

o universal sem totalidade”, que ele caracteriza da seguinte forma: “quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna “universal”, e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro, nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular (LÉVY, 1999, p.111).

A ideia de cultura enquanto “dinâmica de representações”, faz com que a cultura perca sua dimensão concreta e cotidiana e passe a ser localizada numa esfera meramente representacional; a definição de cultura enquanto “fusão de mundos” é bastante ampla. Embora fale da identidade e da alteridade, não tem fronteira concreta nem valor analítico preciso. Elimina o conflito, sendo uma visão neopositivista, rósea e de um otimismo sem base real, uma vez que no âmbito da cultura é que se apresentam as contradições, as disputas pela hegemonia e a manifestação dos conflitos que movem a sociedade. Para Lévy (1999), segundo Britto,

as técnicas e as ações humanas simplesmente são instrumentos de um roteiro preestabelecido, de um movimento de conexão planetária, de um projeto de unificação. No entanto a realidade aponta para um processo mais contraditório, menos estabelecido, menos definido e definitivo (BRITTO, 2009, p. 158).

A dimensão do cotidiano se perde em favor de movimentos gerais. Tona-se um projeto totalizante, sem o conflito e sem o papel do social. Cultura é vista como um movimento genérico, não tendo atores concretos, grupos, classes, nações. Levy se inscreve com uma visão idealista de cultura, quando analisado com base na realidade, no cotidiano, nas práticas e significações. Ele trabalha o tempo todo com a deontologia do social e subestima completamente as configurações históricas, suas potencialidades, seus limites; subestima o social em sua forma de existir e de se desenvolver. Na crítica de Britto, Levy faz uma apologia à ausência da cultura indentitária. Uma cultura indentitária é sempre um processo conflitivo e de mudança permanente. Identidade não é algo estático, uno, isolado, mas como produto de processos históricos dados, de tramas e conflitos, de práticas e valores. Tal concepção desqualifica a cultura existente e idealiza uma cultura que surgirá por meio de um programa que está acima da sociedade a ser realizado, cujo

A CULTURA DO ENCONTRO COMO RESPOSTA À GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

instrumento de realização será o ciberespaço (BRITTO, 2009, p. 148). Esta concepção está mais para uma cultura da indiferença do que para a aceitação e promoção das diferenças presentes na sociedade. Não se muda a sociedade senão por meio dela mesma, e por isso mesmo não parece adequado creditar ao ciberespaço uma ação redentora.

Só podemos entender a cultura como parte do todo que é a cultura contemporânea. São vários os elementos que configuram a sociedade atual em seus impasses e tensões e não somente o ciberespaço. O grande equívoco de Lévy (1999), segundo Britto (2009) é que “a realidade que tece o que chamamos de cultura, o cotidiano, a vida na qual se realizam os processos de significação, fica soterrada, apartada e muitas vezes ausente do universo tratado (BRITTO, 2009, p. 163).

Não há dúvidas de que o ciberespaço, além de ser um grande depositário do simbólico, é uma das importantes dimensões de renovação de formas de sociabilidade, embora não seja o único espaço de socialização. Tem o potencial de constituir vínculos sociais, fortalecer o tecido das relações humanas na sociedade atual e levar ao fortalecimento das outras dimensões sociais. A cada dia nos deparamos com o ciberespaço alterando nosso cotidiano, nossas ações, nossa forma de agir e pensar, nossa cultura, gerando novas linguagens, novas formas de sociabilidade, novos nexos de ação e reflexão. Segundo Douglas Kellner,

os países em desenvolvimento e o mundo globalizado estão entrando numa nova cultura do espetáculo que constitui uma nova configuração de economia, sociedade, política e vida cotidiana. Envolve novas formas culturais, relações sociais e tipos de experiência. Surgem produções cada vez mais interativas e multimídias que se expandem e intensificam à medida que a tecnologia wireless se desenvolve. A teoria social crítica então enfrenta urgentes desafios ao mapear teoricamente e analisar essas formas emergentes de cultura e de sociedade, cabendo-lhe avaliar de que modo elas podem conter novas formas de domínio e opressão, bem como a sua potencialidade para a democratização e a justiça social (KELLNER, 2006, p.145).

Na compreensão de que a cultura se caracteriza como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico,

classe ou nação, uma cultura do encontro deverá levar em conta a realidade complexa, plural, heterogênea a fim de que sejam preservadas as múltiplas identidades e o reconhecimento da alteridade. Num contexto em que parece prevalecer a globalização do individualismo e da indiferença, corremos o risco de uma ética de emoções, ou de uma luta pela justiça apenas quando ‘aparece’ nos meios de comunicação social. Segundo Francisco, “o mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas” (FRANCISCO, 2014).

Quando o Papa fala de uma comunicação a serviço de uma cultura do encontro, o que está em jogo é justamente a ideia de que a comunicação só é verdadeira quando aproxima as pessoas, quando gera solidariedade; quando torna as diferentes nações corresponsáveis umas com as outras. Para Francisco, “neste mundo, os mass-media podem ajudar a sentir-nos mais próximo uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna” (FRANCISCO, 2014). Ao falar da comunicação e suas variáveis, Francisco lembra que

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos mass-media não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos mass-media é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo (FRANCISCO 2014).

CONCLUSÃO

A cultura do encontro, defendida pelo Papa Francisco, merece atenção por parte dos meios de Comunicação, favorecendo a diminuição das desigualdades e a promoção da diversidade. Um sonho que ele expressa na simplicidade: "agrada-me imaginar a humanidade como um poliedro, no qual as múltiplas formas, ao se expressarem, constituem os elementos que compõem, na pluralidade, a única família humana. A verdadeira globalização é isso! A outra globalização, a da esfera, é uma homogeneização!"³.

Esta proposta de uma cultura que aproxime às diferentes manifestações culturais e aos indivíduos, leva em conta a diversidade cultural e a pluralidade de indivíduos. Torna-se uma cultura constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmitem de geração em geração, se reproduzem em cada indivíduo, integram os diversos meios e tecnologias de comunicação e ao mesmo tempo mantém a complexidade psicológica e social. A cultura mantém a identidade humana naquilo que tem de específico. As culturas são aparentemente fechadas em si mesmas para salvaguardar sua identidade singular. Mas, na realidade, são também abertas; integram nelas não somente os valores e técnicas, mas também ideias, costumes.

Este tema de uma cultura do encontro é de fato um grande desafio também para a comunicação. Ao final de sua carta, Francisco admite que “a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova” (FRANCISCO, 2014) e, ao mesmo tempo, anima-nos para vencermos os medos e a tornar-nos cidadãos do ambiente digital.

³ <http://noticias.sapo.ao/info/artigo/1349995.html>

REFERÊNCIAS

BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura – Sob o olhar dos Estudos Culturais**. São Paulo: Paulinas, 2009.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia e Sociedade do espetáculo**. (Pg 119-148). In; MORAES, Dênis de. *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, UFMG, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

PAPA FRANCISCO. **Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro**. Vaticano, 24 de Janeiro de 2014. Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali_po.html

PUNTEL, Joana T. **Cultura Midiática e Igreja – Uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2008.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina – 2ª ed, 2007.

A comunicação do Papa Francisco e a "cultura do encontro": das palavras aos gestos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/525507-a-comunicacao-do-papa-francisco-e-a-cultura-do-encontro-das-palavras-aos-gestos>

A globalização da indiferença nos tirou a capacidade de chorar. O discurso de Francisco em Lampedusa. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521786-qadao-onde-estas-caim-onde-esta-o-teu-irmao-o-discurso-de-francisco-em-lampedusa>

Papa pede menos desigualdades e mais diversidade.

Disponível em: <http://noticias.sapo.ao/info/artigo/1349995.html>